

Setembro Amarelo: a experiência de psicólogas em uma instituição de ensino superior

Yellow September: The Experience of Psychologists in an Institution of Higher Education

Glauca Fernanda Soares Cabral (orcid.org/0000-0001-7570-078X)¹

Andrea Carla Ferreira de Oliveira (orcid.org/0000-0003-2300-4963)²

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (orcid.org/0000-0002-5532-039X)³

Resumo

O suicídio é um tabu na sociedade, apresentando em sua construção histórica conotações de pecado, crime e loucura, revestindo-o de um estigma que dificulta sua compreensão e, conseqüentemente, a prevenção. Atualmente a prevenção é associada à identificação de fatores causais, sendo o transtorno mental o mais citado na literatura. Verifica-se uma tentativa de impedir o ato por meio da medicalização e da valorização da vida. Este estudo tem como objetivos refletir sobre a compreensão do suicídio e da prevenção no horizonte contemporâneo e apresentar uma proposta de prática clínica a partir da experiência das pesquisadoras na campanha do Setembro Amarelo em uma ação de extensão com alunos do curso de Psicologia. Respalçado na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, foi tecido um texto com os diários de campo das pesquisadoras, as respostas dos murais e das rodas de conversa com os alunos que participaram da ação. As respostas dos murais apontam a multiplicidade de sentidos que se articulam à vida e que a prevenção do suicídio implica um olhar para a morte e para a vida como parte de um mesmo processo. Assim, compreendemos que se faz necessário um outro modo de cuidado que acolha e escute as pessoas a partir delas mesmas, sem tentar de antemão explicar e controlar o fenômeno.

Palavras-chaves: Setembro Amarelo. Suicídio. Instituição. Ensino superior. Psicologia.

Abstract

Suicide is a taboo to society, which has presented in its historical construction connotations of sin, crime and madness, shrouding it in a stigma that has hampered its comprehension and, consequently, prevention. Nowadays, prevention is associated with the identification of causal factors, being the mental disorder the most cited in the literature. It has been verified an attempt to impede the act through medicalization and the valorization of life. This study has as its goals to reflect about the comprehension of suicide and the prevention on the contemporary horizon, and to present a proposal of clinical practice from the experience of the researchers in the Yellow September campaign in a university. Supported by Martin Heidegger's hermeneutic phenomenology a text has been made from the researchers' field journals, the answers from bulletin boards and discussion circles with the students who took part in the action. The answers from the bulletin boards have pointed to the multiplicity of senses that articulate to life and that prevention of suicide implicates a view to death and life as part of the same process. Therefore, we understand that it is necessary another way of care, one that welcomes and listens to people stem from themselves, without trying beforehand to explain and control the phenomenon.

Keywords: Yellow September. Suicide. Institution. Higher education. Psychology.

O suicídio é um fenômeno que frequentemente desperta a atenção da sociedade e convoca profissionais de diversas áreas a oferecer explicações e ações que alcancem sua complexidade. Sua construção histórica revela que, apesar de estar presente desde a pré-história, a maneira como ele foi sendo interpretado adquiriu, costumeiramente, uma

¹ Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: glauciananda@hotmail.com

² Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: andreacarla.oliveira@gmail.com

³ Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: carmemluciarbarreto@hotmail.com

conotação de pecado, crime e loucura, revestindo-o de um estigma que dificulta sua compreensão e, conseqüentemente, a prevenção.

Ainda que o suicídio seja considerado um tabu, observa-se um grande número de pessoas que dão fim à sua existência. Uma análise das estatísticas aponta que anualmente ocorrem cerca de 800 mil mortes por suicídio no mundo e que as tentativas assumem uma taxa de 10 a 20 vezes maior. Além disso, é a terceira causa de morte entre jovens entre 15 e 29 anos, configurando-se como um grave problema de saúde pública (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2019).

Refletir sobre a sociedade no mundo contemporâneo se faz necessário para compreender o que tem motivado tantas pessoas a terem ideações e/ou tentarem pôr fim à vida no contexto atual. Han (2017) esclarece que a sociedade do século XXI é do desempenho, sendo as pessoas consideradas sujeitos do desempenho e da produção. Dessa forma, existir no mundo atual é um desafio diário diante das expectativas de ter que ser o melhor em cada papel assumido.

Ao refletir sobre o sofrimento na era da técnica moderna, Barreto (2018) nos diz que no mundo contemporâneo parece existir um embate com relação à manifestação da dor de existir, muitas vezes identificada como “estados depressivos”, que vai de encontro aos ideais de produtividade e ao imperativo da saúde e do bom humor, que caracterizam nossa sociedade utilitarista e consumista – modo de pensar dominante regido pelo domínio da configuração técnica do mundo que define nossa época.

Nesse cenário, a prevenção tornou-se prioridade em diversos países que se esforçam para desenvolver e implementar práticas que auxiliem na diminuição da mortalidade por suicídio. Estudos nessa área (Botega, 2015; Fukumitsu & Scavacini, 2013) esclarecem que o suicídio pode ser prevenido, seja em casos em que há somente ideação, seja naqueles em que já houve tentativas, sendo necessário o acolhimento e o desenvolvimento de ações em rede – pensadas com outros profissionais e atores, como a família e a escola, a fim de alcançar a complexidade do fenômeno.

Quanto a essa complexidade, ou ainda à multidimensionalidade do suicídio, compreende-se que não se pode pensá-lo apenas em uma dimensão individual, como aponta Durkheim (1897/2002, p. 141), ao asseverar que

(...) em cada grupo social há uma tendência específica para o suicídio que não se pode explicar nem mediante a constituição orgânico-psíquica dos indivíduos, nem mediante a natureza do meio físico. O resultado disto é que, por eliminação, ela depende, necessariamente, das causas sociais e constitui, por si só, um fenômeno coletivo.

Entretanto, mesmo diante de um reconhecimento do suicídio como fenômeno perpassado pelo contexto social, o que se percebe nas produções científicas e nos documentos de referência para profissionais e sociedade em geral é que há uma biologização deste, ou seja, uma determinação de suas “causas” a aspectos orgânicos e psíquicos – a difundida relação entre suicídio e transtornos mentais (Netto, 2013). Desse modo, ao se



discutir sobre prevenção verifica-se uma tentativa de impedir o ato por meio da medicalização e da valorização da vida, sem se questionar qual vida e quais condições estão em jogo e como é possível prevenir sem promover reflexões e transformações sociais e culturais que ressoam naquela existência.

Manuais e cartilhas de organizações de referência na área da saúde (Conselho Federal de Medicina [CFM] & Associação Brasileira em Psiquiatria [ABP], 2014; OMS, 2014) indicam que cerca de 90% dos casos podem ser prevenidos e sugerem práticas como a avaliação de risco e intervenções que visam a uma ação antecipada perante o ato, isto é, um controle a fim de que se impeça que o suicídio aconteça. Essa maneira de se pensar a prevenção é dominante no horizonte moderno em que o fenômeno já é desvelado como algo a ser identificado, previsto e determinado objetivamente, e controlado (Queiroz, 2018).

Com a finalidade de sensibilizar a população sobre a temática do suicídio e promover ações de reflexão, em 1994, teve início nos Estados Unidos a campanha Setembro Amarelo, sendo o dia 10 de setembro escolhido como o dia mundial de prevenção ao suicídio. No Brasil, depois de mais de 20 anos (2015), a campanha foi realizada pela primeira vez, sendo uma iniciativa do Centro de Valorização da Vida (CVV); Conselho Federal de Medicina e Associação Brasileira de Psiquiatria. Embora recente no Brasil, o Setembro Amarelo a cada ano tem tido maior adesão das entidades de classes, instituições públicas e privadas e da população.

Em 26 de abril de 2019, foi regulamentada no Brasil a Lei n. 13.819, que instituiu a Política Nacional de Prevenção da automutilação e do suicídio. No ano seguinte, em 5 de fevereiro de 2020, o Decreto n. 10.225 instituiu o Comitê Gestor para a referida política e estabeleceu normas relativas à notificação compulsória de violência autoprovocada. Apesar dessas iniciativas, ainda falta muito a ser feito no intuito de estabelecer diretrizes para uma política adequada de prevenção.

Entende-se esse modo de cuidado, o qual frequentemente se tornou tutelar e substituidor da liberdade daquele que tenta pôr fim à vida, como uma possibilidade à prevenção, tendo sua relevância como um saber construído cientificamente e capaz de conferir respaldo à atuação dos profissionais. Importa refletir se essa maneira de prevenir permite que o fenômeno se desvele em seus sentidos ou se de antemão já se apresenta obscurecido por concepções prévias e moralizantes que o concebem como uma patologia a ser evitada.

Em consonância com essa reflexão acerca da prevenção do suicídio no horizonte moderno, Xavier (2018) apresenta outra concepção de cuidado, alicerçado nas ressonâncias da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, para favorecer uma aproximação do fenômeno sem juízos prévios e atento a sua mostração. Em outras palavras, uma prevenção distante de determinações *a priori* a fim de estar atento à experiência daquele que pensa em ou tenta pôr fim à vida, acolhendo os sentidos por ele articulados perante essa decisão.

Feijoo (2018) ressalta que adotar uma postura fenomenológica perante o ato é aguardar e acompanhar o fenômeno conforme ele aparece, suspendendo as verdades que se cristalizaram ao longo da história e o revestiu de uma moralização religiosa, médica e até



jurídica. Nessa atitude de abertura para a experiência do suicídio, a atuação do profissional pode se delinear como uma ação clínica – um modo de estar junto do paciente acompanhando sua experiência, sem recair em modelos teóricos e técnicas que limitam a compreensão da singularidade (Silva, Leite, & Barreto, 2015).

Neste estudo optamos pelo uso do termo “pôr fim à vida”, em detrimento do termo “suicídio”, corroborando o posicionamento de Feijoo descrito no parágrafo anterior sobre a necessidade do distanciamento de pressupostos prévios acerca do fenômeno.

Inspirado nessa perspectiva e nas inquietações por ela suscitadas, este estudo tem como objetivos refletir sobre a compreensão do suicídio e da prevenção no horizonte contemporâneo e apresentar uma proposta de prática clínica a partir da experiência das pesquisadoras na campanha Setembro Amarelo realizada em uma instituição de ensino superior, construída conjuntamente com alunos do curso de graduação em Psicologia, na disciplina Clínica fenomenológica existencial, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

O percurso metodológico: contextualização

A intervenção a ser descrita foi desenvolvida como uma atividade de extensão, vinculada ao estágio de docência das pesquisadoras, ofertada aos alunos do 8º período de graduação em Psicologia. Além disso, a ação também fez parte de um projeto de pesquisa intitulado “Prática psicológica e a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger”, na mesma instituição, sob a responsabilidade de uma das autoras do presente estudo, objetivando, assim, amparar a produção de uma atividade de extensão a partir das ressonâncias da fenomenologia hermenêutica.

Durante o planejamento dessa prática, a Unicap aderiu à campanha denominada “Setembro Amarelo”. Com essa decisão, ampliaram-se as ações de prevenção ao suicídio e, nessa direção, incluiu a intervenção aqui discutida. Dessa forma, as ações planejadas pela instituição visavam alcançar os alunos de diversos cursos, professores e outros colaboradores, além da comunidade externa, que teve acesso a palestras sobre o tema, plantão psicológico e ações de sensibilização.

Diante da amplitude da campanha, este artigo se deterá na intervenção de acolhimento da comunidade acadêmica realizada pelas autoras, em conjunto com alunos do 8º período e os estagiários da clínica do curso de Psicologia que se disponibilizaram. O intuito dessa ação foi sensibilizar o público acerca do fenômeno do suicídio mediante a abordagem das pessoas que circulavam no campus – um convite para dialogar sobre os sentidos da campanha Setembro Amarelo, implicados na desconstrução dos mitos e concepções que dificultam a prevenção.



Descrição do caminho

A elaboração da intervenção foi proposta aos alunos da graduação em Psicologia citados anteriormente, com a finalidade de elaborar uma ação de extensão, respaldada na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

O primeiro encontro teve a adesão de 20 estudantes e durou cerca de 1 hora e 20 minutos. Com a finalidade de elaborar, conjuntamente, uma proposta de intervenção da campanha Setembro Amarelo, foram definidos os objetivos da ação. Ademais, foi empreendida uma retrospectiva histórica do suicídio ao longo das décadas com o intuito de refletir sobre a moralização imposta ao fenômeno e suas implicações nas compreensões atuais.

No segundo encontro, foi proposta uma roda de conversa em que os participantes relataram suas inquietações e dúvidas sobre a ação a ser realizada. Na ocasião, também ocorreu a produção dos laços da campanha. Participaram desse momento outros estudantes da pós-graduação (mestrandos e doutorandos), os quais possibilitaram o acolhimento das narrativas ali produzidas e colaboraram na confecção de cerca de 1.000 laços.

Esses dois momentos buscaram mobilizar os alunos envolvidos na intervenção, no sentido de provocá-los a pensar sobre suas concepções sobre o pôr fim à vida e manterem-se atentos a esses pré-conceitos para que não se antecipem ao fenômeno, obscurecendo sua mostração. De acordo com Feijoo (2018), é necessário a preparação dos profissionais para lidar com o suicídio, a fim de assumir um olhar e uma atitude fenomenológica e evitar que recaiam em posturas predefinidas, moralizantes ou indiferentes.

Nos dias 10 e 11 de setembro de 2019, uma grande mobilização tomou conta da universidade: alunos, professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica participaram das atividades realizadas. As ações desenvolvidas foram de sensibilização e de plantão psicológico. Os alunos foram divididos em dois grupos e abordavam as pessoas que transitavam nos espaços comuns e as convidavam para responder em um mural as perguntas “O que te move na vida?” e “O que te motiva a viver?”

Os recursos utilizados durante a intervenção foram as rodas de conversa, os diários das pesquisadoras e os murais. As autoras produziram seus diários de campo, registrando suas impressões e afetações e narrando suas experiências. Para Aun e Morato (2017, p. 123) “Os diários são como marcas em forma de escrita – depoimentos rememorados. Escrever é comunicar, é narrar... Comunicando algo vivido e sentido, um diário é como um tecer de muitas histórias interligadas”.

Uma semana depois da realização da intervenção, as autoras promoveram uma roda de conversa com os alunos que atuaram na campanha e dialogaram com eles sobre suas experiências e as avaliações acerca da ação de extensão.

Análise dos dados

Para apresentar as experiências dessa intervenção e as reflexões acerca de como o pôr fim à vida tem sido compreendido e abordado na contemporaneidade, buscamos produzir um



texto narrativo, construído a partir do entrelaçamento dos diários de campo, das respostas das perguntas expostas no painel interativo e de fragmentos de falas dos alunos nas rodas de conversas sobre a avaliação da ação. A compreensão do texto narrativo seguiu as orientações da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer.

Barreto, Prado e Leite (2019) esclarecem que para Gadamer compreender é interpretar, sendo que essa compreensão se dá em um horizonte histórico, uma tradição da qual se é pertencente. Além disso, a interpretação acontece no diálogo entre horizontes (dos participantes da intervenção e das pessoas abordadas/acolhidas) em que as compreensões são desafiadas, tendo a possibilidade de se ampliar, pois os horizontes não são fixos.

Dessa forma, as autoras apontam que os sentidos aqui desvelados são possibilidades compreensivas que surgiram durante a intervenção – nos diálogos propostos, em que se esteve atento ao acontecer da compreensão e aberto para o novo, ou seja, sensível à perspectiva do outro e atento aos significados prévios que estão em jogo no intercâmbio dos horizontes (Szymanski & Fachim, 2019).

O narrar da experiência: Setembro Amarelo e suas ressonâncias

A narrativa a seguir teve início durante o mês de setembro de 2019 e foi finalizada em maio de 2020, isto é, desde a campanha do Setembro Amarelo e dos fatos que se sucederam até o momento. A análise se fundamenta a partir do diário de campo das pesquisadoras, que, por meio de trocas, construíram um texto em comum, permeado por inquietações de ambas, como também por experiências singulares que serão apresentadas de maneira individual – destacada no texto em *itálico*.

Pensar na possibilidade de realizar uma campanha de prevenção ao suicídio na universidade, em conjunto com outros colegas de graduação e pós-graduação, foi uma experiência que nos suscitou bastante alegria e nos motivou a ampliar nossas compreensões acerca do Setembro Amarelo, uma vez que cada uma de nós já participou dessa campanha em anos anteriores em outras cidades e em contextos que nos aproximavam de uma perspectiva mais afinada com uma postura metafísica.

Ampliar nossos horizontes, transformá-los por meio, do diálogo é uma experiência que estamos vivendo desde nossa entrada no programa de pós-graduação. Arriscamos dizer que o Setembro Amarelo tornou esse processo ainda mais intenso, posto que nos proporcionou outra compreensão sobre o suicídio e a prevenção. Foram dias de muitas conversas, de trocas e de mudança de perspectivas na elaboração do que viria a ser nossa ação de prevenção ao suicídio na universidade.

Destarte, foi possível analisar criticamente o modo como o Setembro Amarelo tem sido proposto pelas organizações de saúde e diversas instituições, o qual fica restrito a dados epidemiológicos e ações de valorização à vida que, por vezes, podem recair na tentativa de controle do fenômeno. Mas o que, de fato, nos dizem as organizações sobre o suicídio? Que



“verdades” são atribuídas ao fenômeno e a sua prevenção? Como podemos pensar em uma valorização da vida?

Diversas questões emergiram e foram delineando um olhar fenomenológico para o suicídio. Não queríamos uma atividade pronta, automatizada a partir de informações que, apesar de serem importantes, nos colocam diante do suicídio como se ele precisasse ser apenas controlado e evitado. Queríamos provocar reflexão em nós, naqueles que nos auxiliariam na campanha, como também no público.

Recordamos que Silva *et al.* (2015) argumentam que no horizonte moderno em que vivemos há uma atitude hegemônica de controle, previsibilidade e objetificação dos fenômenos, inclusive humanos, e que isso reverbera nas práticas psicológicas como um fazer técnico em que se visa tratar e curar os pacientes, dando abertura para a medicalização e encobrimento de sofrimentos.

É isso que começamos a perceber quando nos deparamos com os atuais estudos e práticas que se voltam ao suicídio. No entanto, as autoras também nos lançam luz ao apresentar outra possibilidade de clínica: um espaço que acolhe e permite que os sofrimentos sejam tematizados. É nesse sentido que decidimos caminhar!

Concordamos em incluir os alunos do 8º período da graduação em Psicologia nessa atividade, já que percebemos que eles desejavam participar de uma intervenção clínica – uma aluna assim se expressou: “Queremos ver pessoas, falar com elas, até agora só vemos livros”. Essa também seria uma oportunidade de eles entrarem em contato com um fenômeno que, a despeito de se apresentar frequentemente no mundo e nos espaços de Psicologia, é pouco abordado na formação dos profissionais.

Alguns alunos ficaram bastante animados com a proposta, mas a maioria estava receosa de como se daria essa participação. Não queriam fazer escuta no plantão psicológico, não se sentiam à vontade para isso. Na ocasião, combinamos que pensaríamos na campanha juntos e que eles não precisavam fazer a escuta, mas quem quisesse poderia acompanhar uma psicóloga ou um estagiário da clínica para participar como pudessem no plantão.

Os dois encontros que tivemos com eles possibilitaram uma aproximação com a intervenção a ser realizada, bem como auxiliaram no acolhimento de suas expectativas quanto à ação. Eles falaram bastante dos seus medos e ao final pareciam mais calmos e seguros de que teriam suporte durante todo o período da ação.

Gostaríamos de trazer aqui algumas reflexões que surgiram nesses momentos de elaboração da campanha com os alunos. Enquanto conversávamos sobre a construção histórica do suicídio apontando para as concepções modernas de patologia associada a transtornos mentais, uma aluna expressou uma inquietação que até hoje reverbera: “Ao ler e escutar tantas vezes que 90% dos suicídios podem ser evitados, fico pensando como se sente um familiar que perdeu alguém por suicídio e imagino o sentimento de culpa que daí emerge...”



Logo surgiram outros questionamentos acerca dos mitos e verdades divulgados amplamente nas mídias e em campanhas. A associação do suicídio aos transtornos depressivos se tornou tão comum que diante de qualquer notícia de tentativa ou de consumação do ato já ouvimos de imediato: “mais uma vítima da depressão”. O que não estamos escutando dessas pessoas? O sofrimento delas pode ser nomeado e correspondido apenas pelos critérios diagnósticos de uma depressão?

Mais uma vez abrimos perguntas, e não queremos aqui trazer novas “verdades”, o que decidimos naquele momento foi que nossa ação não seria direcionada para essas informações, mas sim para a escuta das pessoas sobre o que elas pensam e sentem diante do “pôr fim à vida” – e ao falar em morte, incluímos aqui o interesse em compreender o que as motiva a continuar vivendo. Assim, disponibilizamos um mural a ser exposto com as perguntas: O que te move na vida? O que te motiva a viver?

É mister esclarecer a escolha dessas perguntas: pensamos como poderíamos convocar as pessoas a refletirem sobre seus sentidos de vida, entendendo que habitamos no sentido, ou seja, buscamos “um para quê” que possa articular nossa existência (Pompeia, 2000). Nessa direção, apropriamo-nos daquilo que Heidegger (2009) fala nos Seminários de Zollikon sobre o homem, indicando que os fenômenos humanos são entendidos por meio da motivação – uma razão para o agir humano, aquilo que nos move, mas ainda nos dá a possibilidade de decisão.

Após esses momentos de construção dos materiais da campanha – fitas, murais, panfleto com a rede de serviços de saúde mental e de intensas discussões, chegamos aos dias 10 e 11, tão esperados para o Setembro Amarelo na Unicap. Correria para organizar cada espaço, flores amarelas, fitas em cestas de artesanato, pessoas por todos os lados, auxiliando a viabilizar a campanha.

Organizamo-nos em dois grupos: um posicionado no bloco G, local onde se concentram os cursos de humanas, coordenado pela Pesquisadora 1, em conjunto com colegas da pós-graduação e alunos da graduação; o outro ficou em um espaço de passagem compartilhado por dois blocos (A e B), onde acontecem as aulas dos cursos de saúde e exatas, coordenado pela Pesquisadora 2, com a participação dos alunos da pós-graduação e da graduação, com o auxílio de uma professora da instituição.

Dois ambientes diferentes na mesma universidade e experiências diversas de uma mesma campanha. Chamou-nos a nossa atenção o fato de poucos alunos do bloco G procurarem o mural para responder ao questionamento; diferentemente dos blocos A e B, cuja participação dos alunos foi ativa. O que pensar sobre o bloco G? Como compreender a pouca adesão dos alunos ao mural? A Pesquisadora 1 relata em seu diário:

Durante o intervalo das aulas, observamos o espaço de convivência repleto de alunos do curso de Direito, nas mesas e bancos, em rodas de conversas. Mesmo assim, não se aproximaram nem do mural, nem do stand com as informações sobre a campanha. Dessa forma, resolvemos ir até as mesas e abordá-los. Alguns se mostraram abertos



à nossa intervenção, permitiram fotos e colocação dos laços símbolo da campanha. Ao final da abordagem, era feito o convite para ir ao mural responder à pergunta “O que te move na vida?” Ouvimos durante a abordagem comentários tímidos e reservados, por exemplo: “eu conheço uma pessoa que tirou a sua vida” ou “quem não tem próximo alguém que pensa ou já tentou suicídio?” Por outro lado, observamos em algumas mesas alunos que não permitiram nossa abordagem. Em relação a eles, respeitamos sua decisão. A impressão desse momento em relação a alguns alunos e até professores era de desconforto ao falarem abertamente sobre o tema. Percebi como a temática ainda era tabu em nossa sociedade, até mesmo em grupos de alunos. Ficou a inquietação até hoje: como podemos compreender o que aconteceu naquele momento? Seria uma característica dos alunos do curso de Direito? Até hoje isso reverbera em mim... Quais os motivos para os alunos do curso de Direito não se aproximarem do mural com a pergunta “O que te move na vida? Ou não permitirem a abordagem?”

As respostas do mural do bloco G foram direcionadas para a música, a esperança, desafios, o amor e frases como “você não está sozinho” e “saber que para tudo tem um jeito”. Apesar de frases curtas que, em alguns momentos, podem até ser consideradas clichês, elas nos proporcionam duas compreensões: a primeira permite perceber nossa existência como ser-com, isto é, a percepção de que compartilhamos um mundo e nos preocupamos com os outros, além de entendermos que por sermos seres de possibilidade as situações podem ter outros desfechos.

Por outro lado, essas mesmas frases podem ser entendidas como um falatório próprio do modo de ser na cotidianidade em que se fala, se opina como “todo mundo”, sem se comprometer com o dito, como uma pura repetição da opinião pública (Vattimo, 1996). Apontamos aqui essa possibilidade compreensiva ressaltando que não há um julgamento moral em voga, pois nessa perspectiva a cotidianidade é constitutiva, já que somos lançados no mundo – um horizonte histórico e de significados que normatizam nosso modo de ser. O ser-aí, na medida mesmo em que existe, vê-se absorvido no mundo fático sedimentado que é o seu. Essa absorção acontece por meio da articulação de um campo de sentido que apenas operacionaliza sentidos pretensamente positivos disponíveis no mundo (Casanova, 2017, p. 214).

A partir dessas respostas e do modo como percebemos os alunos com certa resistência a participar da campanha, de que forma podemos compreender seus comportamentos? O que o mundo normatiza sobre o modo de ser dos alunos do curso de Direito? Será que invadimos o espaço deles ao fazer a abordagem nas mesas no horário do intervalo das aulas? Buscaremos ensaiar possíveis caminhos compreensivos para essas perguntas.

Abordar os alunos sobre a finitude da vida na “hora do café” e de conversar com colegas talvez tenha sido uma provocação das pesquisadoras. Falar sobre o sentido da vida remete à singularidade, à maneira de estar no mundo com os outros e, assim, também traz à tona o contexto social contemporâneo que afirma não haver espaço para tristeza, insucessos e para



a morte. Em um mundo que nos convoca a ser o melhor a todo momento, inclusive na condição de aluno, entrar em contato com a finitude e com possíveis modos de sofrimento, em um espaço acadêmico, demarcado por valores de sucesso e de competitividade, pode trazer incômodo.

No bloco A e B, a experiência se deu de outro modo. Retomamos o diário da Pesquisadora 2 para compreender como isso se manifestou:

Os alunos e professores paravam, olhavam aquela pergunta sobre “O que te motiva a viver?” e permaneciam por minutos ali. Compreendemos a profundidade dessa pergunta, o quanto ela reverbera em nós... também fomos chamados a ir até aquele mural e respondermos o que nos vinculava e nos fazia escolher continuar vivendo. Foi surpreendente o modo como os alunos estiveram envolvidos com aquele espaço da campanha. Eles se aproximavam e falavam sobre as frequentes notícias de suicídio, pessoas próximas que já haviam tentado e que permanecia uma preocupação sobre o que era possível fazer. Percebo que os diálogos provocaram reflexões no público e em nós, o que mais ouvimos foi o quanto aquelas ações eram necessárias, como precisavam falar sobre esse fenômeno que perpassa de algum modo a vida de todos e, principalmente, como todos os cursos queriam estar incluídos na construção das próximas campanhas. Questionei-me: por que costumeiramente tentamos cercar o suicídio como um fenômeno do campo da Psicologia? Que concepções estão aí nos privando de dialogar com todos sobre um dilema tão humano?

O mural usado nesses blocos foi o centro da ação, mais de oito folhas foram preenchidas pelas pessoas que ali circulavam. As respostas variaram entre espiritualidade, relações familiares, animais de estimação, experiências de vida, conhecimentos e filosofias, sonhos e esperança. Ficou evidente a pluralidade de sentidos que podem ser articulados na existência e até mesmo a abertura do público para a escrita e discussão sobre o fenômeno.

O que mais se destacou nessas respostas foi a articulação com o futuro por meio de sonhos, projetos e desejos de mudanças: “evoluir”, “mudar”, “a esperança de que irei fazer do mundo um lugar melhor”, “possibilidade de uma manhã diferente”, “fazer a diferença no mundo”, “um futuro melhor”. Aqui o sentido de viver está intimamente relacionado à temporalidade, somos no tempo e nos lançamos, ou melhor, nos destinamos em um “para que” que nos convoca a continuar existindo.

Observamos a diferença de atitude entre os alunos do bloco de Direito e os do bloco A e B – é interessante destacar que nestes a maior parte dos estudantes eram da área da saúde, Medicina, Fisioterapia e Psicologia. Ousamos pensar que por estarem em um campo em que predomina o cuidado com o outro, eles estiveram mais interessados e abertos em compreender e dialogar sobre o suicídio.

Apesar de o suicídio ser um tema pouco abordado nas graduações, sabe-se que é comum que os alunos se deparem com o fenômeno em seus campos de estágio ou, mais tardiamente, em sua vida profissional. Em seus relatos, eles traziam a preocupação de se



vislumbrarem com um caso de suicídio, como também se mostravam angustiados com a frequência de casos em nosso país.

Outra consideração que se deve fazer e pode ter contribuído para a experiência que divergiu entre os espaços da campanha é fato de que nos blocos A e B foi possível organizar o *stand* em um espaço de passagem que era comum aos blocos; assim, logo que entravam na universidade os alunos conseguiam visualizar o mural e a equipe da campanha – passavam por ali na entrada da aula, nos intervalos e na saída, podendo até mesmo se “familiarizar” com aquela ação, para então ousar uma aproximação.

Durante os dois dias da atividade, também fomos abordadas por pessoas que, ali mesmo, buscavam falar de suas angústias, solicitavam os folhetos com as redes de apoio para entregar a pessoas próximas, traziam seus sofrimentos e preocupações e, por vezes, pediam atendimento psicológico, que era oferecido pelo plantão psicológico. Essa prática psicológica se deu numa perspectiva em que nos propomos a estar junto do outro, escutando suas questões no momento da procura, prática que pode acontecer em diversos espaços (Rebouças & Dutra, 2010). Em alguns casos, o plantão aconteceu ali mesmo no entorno do *stand* da ação, outros foram encaminhados para uma sala da clínica de Psicologia.

No plantão psicológico oferecido, foram atendidos alunos da instituição, como também o público externo. As demandas, na maioria dos casos, estiveram relacionadas à ideiação suicida e a tentativas de suicídio, mas também foram tematizados sofrimentos relacionados a conflitos familiares, solidão e sofrimentos por conviver com alguém com comportamento suicida. Além da escuta, foram realizados encaminhamentos para a clínica de Psicologia da instituição e para outros serviços de saúde da rede municipal.

A campanha repercutiu bastante na Unicap, fomos abordadas por colegas com comentário sobre ideiações, tentativas e perdas por suicídio. Após aproximadamente 20 dias da realização da campanha, ao assistir a uma aula do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, surgiu um comentário de uma colega, professora do curso de Direito, sobre a campanha, dizendo que precisou parar a aula para os alunos falarem sobre suicídio. Segundo ela, os alunos têm dificuldade de falar sobre isso. No momento levantei o questionamento: se a demanda veio durante a aula, não poderia a sala de aula ser um espaço de abertura para falar sem tabu sobre o assunto? Como acolher essa demanda dos alunos? (Pesquisadora 1).

Nesse mesmo período, fizemos uma roda de conversa com os alunos de graduação da disciplina Prática fenomenológica existencial para discutir e compreender as ações realizadas. Eles discutiram as respostas dadas nos murais e falaram de suas impressões sobre a participação, tais como: “estava receosa, mas foi uma experiência linda. Uma troca com as pessoas.” Outra aluna relatou a resistência de algumas pessoas até mesmo para receber o laço, como também a dificuldade percebida por alguns de pensar no sentido da vida. Isso ficou evidente nos relatos em que as pessoas passavam pelo mural e retornavam horas depois



dizendo que pensaram sobre isso a aula toda e só agora pareciam se dar conta do que os vincula à vida.

Questões sobre Deus e a espiritualidade também emergiram nas respostas do mural e levaram a posicionamentos diferentes. Foram surgindo possibilidades compreensivas que apontavam para a forte religiosidade do nosso país, o quanto isso, por vezes, pode ser de fato um fator protetor, como ressaltado na literatura científica, ou como isso pode, em alguns casos, obscurecer ou alienar o modo como as pessoas experienciam suas vidas e veem seus sofrimentos. Nessa conversação, o que buscamos foi nos aproximar por meio da interpretação do que os participantes nos diziam, tendo clareza de que não chegaríamos a uma única resposta.

Duas respostas do mural trouxeram bastante inquietação: “chocolate” e “cuscz”. Alguns alunos relataram que poderia ser uma brincadeira, uma maneira de trazer o humor para a vida, ou uma resposta por impulso. Outros relacionaram as palavras à territorialidade e ao pertencimento do lugar, já que essas palavras podem representar a tradição de uma cultura nordestina ou uma relação com a alimentação, que pode estar associada ao afeto. Poderíamos compreender ainda as respostas dadas como um modo de os alunos se afastarem da reflexão filosófica do sentido da vida no mundo cotidiano? Essa troca de ideias, e o vislumbre de outros posicionamentos, nos levam a pensar que de fato estávamos ampliando nossos horizontes compreensivos e interpretativos.

No geral, os alunos mostraram-se engajados na ação e pelas suas falas compreendemos que gostaram da experiência. Aqui recordamos algumas falas: “Nunca tinha visto ação como essa do Setembro Amarelo na Unicap. Reverberou nas mídias, chamou a atenção do curso de Psicologia e para as práticas”. Até mesmo os que não participaram ativamente da campanha, mas estavam presentes como público e nas discussões, fizeram considerações positivas: “É um tema tabu. Eu não participei da ação. O arranjo tava legal, um clima confortante. Achei que ia ser pesado, mas não foi.”

Tivemos também o relato de duas alunas que acolheram uma pessoa que contou estar passando por um momento difícil com uma pessoa próxima. A Pesquisadora 2 escreveu em seu diário:

Elas foram tecendo sua narrativa de como foi difícil escutar todo aquele sofrimento, ter alguém tão perto que tentou tirar a própria vida... era essa a inquietação daquela pessoa que levou as alunas à reflexão. Elas não tinham percebido que haviam realizado um plantão, sem setting determinado, nem tempo estabelecido, elas se colocaram junto àquela pessoa possibilitando um espaço.

Ouvir as devolutivas dos alunos nos tocou, ficamos felizes em colaborar com a formação deles. Além disso, demos-nos conta de que compartilhar com eles essa experiência possibilitou reflexões sobre o suicídio a partir de outros olhares – a sensação é que toda aquela construção crítica que estava em curso pôde se intensificar e ainda conseguimos



“ensaiar” intervenções que estivessem afinadas a esse outro modo de compreender o fenômeno.

Outra consideração que conseguimos fazer refere-se ao objetivo da ação de sensibilizar o público em geral sobre o “pôr fim à vida”. Foram 1.500 pessoas abordadas durante os dois dias da intervenção, além dos plantões psicológicos realizados, que, consoante os registros da clínica foram pelo menos cinco.

Posteriormente, revisitamos as respostas dadas nos murais e percebemos uma aproximação entre elas e o que apresentamos em temáticas gerais como desafios e sonhos; religiosidade; família e amigos; amor; cuidado de si; e expectativas políticas. Essas aproximações de sentido se configuraram como uma maneira de organizar as respostas dos murais, um modo de tecer possibilidades compreensivas, distante de uma tentativa de categorizar e apresentar “verdades”, até porque compreendemos que uma resposta pode estar articulada a mais de um sentido.

No que diz respeito aos desafios e sonhos, as respostas giravam em torno de “ter um propósito”; “ajudar as pessoas”; “poder fazer a diferença no mundo”; “a possibilidade de mudar” e “quem ainda não sou”. Isso nos remete à própria abertura do homem como ser de possibilidades – um poder ser que precisa arcar/cuidar do seu existir. Para Heidegger (1959/2015), somos seres lançados no mundo e existimos de diferentes modos. Para o autor, o “Dasein” ou “Ser-no-mundo” significa abertura para tudo que vem ao seu encontro, ou seja, para todas as possibilidades de poder ser.

Muitas respostas versaram sobre religiosidade, tais como: “Deus; Jesus; Fé; Evolução espiritual”. Como já citamos neste texto, encontramos na literatura tradicional a religiosidade como fator de proteção ao ato suicida. Entretanto, o que percebemos é que para algumas pessoas essa é uma possibilidade de atribuir sentido às suas vidas por intermédio de valores e propósitos que os lançam para a vida; para outras, as moralizações presentes nos discursos religiosos podem atuar como uma barreira para o suicídio, sem necessariamente propiciar uma apropriação de si e dos motivos que o mobiliza a pensar na morte – favorecendo um modo de ser impessoal, em que se busca uma fuga de si mesmo e da dor.

Em relação à família e amigos, as respostas foram direcionadas para os pais, filhos, namorados e amigos. Essas respostas podem ser pensadas em virtude dos vínculos estabelecidos em nossas vidas e das relações que nos constituem. Isso também pode estar relacionado aos afetos e sentimentos cultivados nessas vinculações que podem reforçar os laços com a vida e influir no cuidado de si.

Nessa direção, foram encontradas nos murais diferentes respostas sobre o amor, tais como: ao divino (Deus); fraternal (ao próximo; família); aos animais (meu bichinho; gatos; meus animais); amor sem preconceito e com todas as pessoas ao redor; e a Filosofia, expressa nas respostas dadas “Heidegger” e “Arendt”. Isso remete à ideia do amor em suas várias dimensões. O amor desvelado pelas narrativas nos lembrou o discurso defendido por Sócrates na obra *O banquete*, de Platão (2017, p. 148): “Em geral, todo o desejo do que é bom e de ser



feliz é apenas o grande e ardiloso amor. Mas uns se dedicam a ele de muitos modos diferentes, seja nos negócios, seja no gosto pela ginástica ou pela filosofia [...]”.

O modo como cada pessoa se dedica ao amor é singular e se expressa nos vínculos, no modo de cuidar de si e dos outros e até mesmo nas atividades cotidianas que nos proporcionam possibilidades de ofício, lazer e *hobbies* prazerosos. No mural isso se desvelou em frases como “ler um livro”; “ouvir boa música”; “desenhar” “encontro com pessoas lindas”.

O cuidado de si se apresentou nas seguintes frases: “cuidar de mim, diante de todas as dificuldades”; “mudar é complicado, mas acomodar é perecer” e “aprender a viver com ansiedade”. Compreender o cuidado de si faz o ser humano desvelar um sentido para a própria vida e a dos outros? Como expresse em uma das narrativas, “sejamos luz, luz para caminhada do nosso irmão, principalmente”. Desse modo, o cuidar de si além da dimensão ontológica do ser ocorre na relação com o outro. Para que possa cuidar do outro, é necessário cuidar de mim. Como se pode observar nos Diálogos de Platão, no discurso entre Sócrates e Alcebiades. O primeiro, considerado mestre do cuidado na Grécia, usava da maiêutica para levar Alcebiades a compreender que para governar um povo exigia primeiro o cuidar de si.

Ainda no mural surgiu uma resposta referente ao momento político do Brasil: “Ver Bolsonaro fora da presidência!” O que levou a essa resposta? Será que nos remete a um país dividido desde das eleições presidenciais? A uma insatisfação com a redução significativa de investimentos em educação e saúde no Brasil? Ou ainda a um temor por perceber a falta de temperança de um governador que deveria cuidar do povo?

Desse modo, as respostas do mural quanto ao sentido da vida trouxeram à tona a necessidade de se refletir não só sobre os motivos individuais para se continuar vivendo, mas nos convoca a pensar sobre nossa sociedade e nosso papel no mundo, no que tange ao modo como estamos cuidando de nós mesmo e dos outros. Reiteramos que como ser-no-mundo somos sempre em relação e junto com as coisas e, por isso, nossos sentidos de vida se articulam “para fora”, ou seja, constroem-se nesse encontro com o mundo.

Destarte, precisamos nos atentar para os diversos vieses que se colocam em jogo na questão entre o viver e o morrer. Como o mundo tem se apresentado como morada para cada um de nós? Como pensar na prevenção do suicídio e de sofrimentos tão atuais? De que modo temos cuidado de nós e dos outros na sociedade contemporânea? Temos considerado as condições de vida das pessoas nesse cuidado?

Considerações finais

O pôr fim à vida não pode ser pensado apenas como uma decisão individual, posto que diz respeito a um fenômeno social, a um contexto, inclusive, político. Não podemos explicar um fenômeno tão multifacetado, não há respostas objetivas para um dilema intrinsecamente humano. O que visamos aqui foi compreender o pôr fim à vida como uma possibilidade existencial perpassada por motivos diversos que incluem as condições de vida de cada pessoa.



Para nós, vai se delineando um campo em que o suicídio não pode mais ser pensado apenas como um problema de saúde pública, em que se definem manejos e protocolos técnicos. É preciso ir além, considerar a existência das pessoas, o contexto em que habitam, suas singularidades e motivações para a vida e para a morte. É preciso escutá-las a partir delas mesmas, sem tentar de antemão explicar e controlar suas inquietações perante a vida.

O mergulho nos motivos que foram apresentados nos murais nos convoca a perceber a multiplicidade de sentidos que se articulam à vida e que o trabalho com o suicídio implica olhar para a morte e para a vida como parte de um mesmo processo. O que nos liga à vida pode ser reforçado, ou melhor, podemos investir nesse processo, desde que não desconsideremos o que nos faz pensar na possibilidade de findar a vida – precisamos acolher e cuidar desses campos de força.

Outra possibilidade da clínica vai se apresentando no contexto atual. Uma clínica mais próxima daquele que procura o atendimento psicológico. Cura em latim significa cuidado, assim, nesse fazer o paciente vem para se cuidar (Pompeia, 2000), isto é, busca cuidado em um momento em que o sentido de sua vida se desarticulou de tal modo que se encontra-se na (in)decisão entre o viver e o morrer.

A campanha que desenvolvemos tangenciou um encontro com a clínica que se coloca a caminho de pensar e praticar outro modo de cuidado que não aquele técnico, tutelar e que, por vezes, silencia o sofrimento. Acreditamos que a sociedade contemporânea nos provoca ao escancarar tantos casos de suicídio e, mesmo com todos os nossos conhecimentos e aparatos tecnológicos, parece que alguma coisa não está sendo vista ou compreendida; assim, tantos outros casos continuam a acontecer.

Talvez seja hora de abirmos espaço para outros olhares e concepções sobre a existência e, conseqüentemente, o suicídio. Pensar numa clínica e em práticas que acolhem e aguardem o desvelamento dos sofrimentos e de suas roupagens no momento atual se faz urgente diante do caos político, sanitário e social no qual estamos imersos.

Referências

- Aun, H. A., & Morato, H. T. P. (2017). Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In H. T. P. Morato, C. L. B. T. Barreto & A. P. Nunes (Eds.). *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 121-138). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Barreto, C. L. B. T. (2018). Angústia e desamparo: o sofrimento humano na era da técnica moderna. In C. L. B. T. Barreto (Org.). D. de F. da C. de S. Leite & E. F. G. da Silva (Coords.). *Clínica psicológica e sofrimento humano: uma perspectiva fenomenológica existencial* (pp. 19-33), Curitiba: CRV.
- Barreto, C. L. B. T., Prado, R. A. A., & Leite, D. F. C. C. S. (2019). Hermenêutica filosófica de Gadamer e pesquisa em pesquisa em Psicologia. In B. E. B. Cabral, L. Szymanski, M. L.



- B. Moreira & M. L. S. Schmidt. *Práticas em pesquisas e pesquisas como prática: experimentações em Psicologia* (pp. 49-66). Curitiba: CRV.
- Botega, N. (2015). *Crise suicida*. Porto Alegre: Artmed.
- Casanova, M. A. (2017). *Mundo e historicidade: leitura fenomenológica de ser e tempo: existência e mundaneidade* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Conselho Federal de Medicina & Associação Brasileira em Psiquiatria (2014). *Suicídio: informando para prevenir*. Brasília: CFM/ABP.
- Decreto-Lei n. 10.225, de 5 de fevereiro de 2020 (2020). Institui o Comitê Gestor da Política Nacional de prevenção da automutilação e do suicídio, regulamenta a Política Nacional de prevenção da automutilação e estabelece normas relativas à notificação compulsória de violência autoprovocada. Recuperado de <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.225-de-5-de-fevereiro-de-2020-241828598>.
- Durkheim, E. (1897/2002). *O suicídio* (1a ed., A. Marins, Trad.). São Paulo: Martin Claret. (Texto original publicado em 1897).
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2018). Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 173-181. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.6>.
- Fukumitsu, K. O., & Scavacini, K. (2013). Suicídio e manejo psicoterapêutico em situações de crise: uma abordagem gestáltica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 198-204. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Han, B. C. (2017). *Sociedade do cansaço* (2a ed., E. P. Giachini., Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (1959/2015). *Ser e tempo* (10a ed., M. S. de Cavalcante, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Texto publicado em 1959).
- Heidegger, M. (2009). *Seminário de Zollikon*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lei n. 13.819, de 26 abril de 2019 (2019). Institui a Política Nacional de Prevenção da automutilação e do suicídio. Recuperado de <https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796>.
- Netto, N. B. (2013). Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a Psicologia Clínica. In Conselho Federal de Psicologia. *Suicídio e os desafios para a Psicologia* (pp. 15-24). Brasília: CFP. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>.
- [Organização Mundial da Saúde \(2014\)](#). *Preventing Suicide: A Global Imperative*. Retrieved from <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779-ger.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde (2019). *Suicide in the World: Global Health Estimates*. Retrieved from <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?ua=1>.
- Platão (2017). *Apologia de Sócrates: o banquete* (S. de Regino & M. A. de Oliveira, Trad.). São Paulo: Martin Claret.



- Pompéia, J. A. (2000). Uma caracterização da psicoterapia. *Daseinsanalyse*, (9), 19-30. Recuperado de http://bib.pucminas.br/arquivos/330000/334100/25_334128.htm.
- Queiroz, A. S. (2018). Prevenção do suicídio, técnica e Psicologia Fenomenológico-Existencial. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.). *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 195-212). Rio de Janeiro, RJ: Ifen.
- Rebouças, M. S. S., & Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 19-28. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000100004&script=sci_abstract.
- Silva, E. F. G. da, Leite, D. de F. da C. de S., & Barreto, C. L. B. T. (2015). A ação clínica e a era da técnica moderna: uma compreensão fenomenológica existencial da prática psicológica. *Perspectivas em Psicologia*, 19(1), 79-92. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30361>.
- Szymanski, L., & Fachim, F. (2019). Contribuições do pensamento fenomenológico-existencial e hermenêutico no processo de construção e análise da pesquisa qualitativa, interventiva e dialógica. In B. E. B. Cabral, L. Szymanski, M. L. B. Moreira & M. L. S. Schmidt. *Práticas em pesquisas e pesquisas como prática: experimentações em Psicologia* (pp. 67-83). Curitiba: CRV.
- Vattimo, G. (1996). *Introdução a Heidegger* (10a ed., J. Gama, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Xavier, I. F. L. (2018). A (in)decisão de pôr fim à vida: uma análise fenomenológica dos discursos clínicos. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.). *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 105-144). Rio de Janeiro, RJ: Ifen.

Recebido em: 22/09/2020

Aprovado em: 11/03/2021

